

interior um estado de docilidade necessário no campo da **intuição pura**, a fim de começar pelo princípio, mas conto, com certeza, com o breve desenvolvimento da inesquecível amiga Maria.

Os meus familiares têm experimentado grande desejo de vir até aqui. Quando vocês tiverem oportunidade de conversar com a mamãe ou com o papai, digam-lhes que eu os auxilio quanto posso e que não poderia esquecê-los de modo algum!

Bem sei o quanto sofreram os seus corações sensíveis de pais com a prova rude da inesperada desencarnação da filha, a quem eles queriam tão bem...

Deus lhes pague pela gentileza fraterna!

Muito boa noite! Espero muito progresso para as nossas reuniões.

Deus esteja com todos,

*Helena*

Nota da organizadora: mensagem recebida por Chico Xavier e Mário Pêgo de Amorim, meu tio, com a utilização da prancheta. Maria Joviano fez as anotações.

## *Palavra de avó*

Meu caro filho,<sup>1</sup>

Graças a Jesus posso te trazer nesta noite a minha **palavra de avó**, que muito te estima.

Andas ameaçado de um esgotamento nervoso pela intensidade de trabalho no ambiente babilônico do Rio de Janeiro. Mas com a calma do campo vais melhorar rapidamente. O nosso receitista vai te receitar agora e além dele, aliás, além desse auxílio, procuraremos proporcionar-te o máximo de forças. Agora, nestes dias, procura repousar o mais possível.

Julgamos oportuno e conveniente que te resolves a ficar com Maria os dias que puderes em

<sup>1</sup> Nota da organizadora: refere-se ao meu tio Mário, filho de Júlia e Aurélio, neto de Júlia Amália da Silva Pêgo, a comunicante.

benefício de tua saúde. Não te preocupes em demasia com os muitos tratamentos, tudo será ajustado de acordo com tuas necessidades.

Manda dizer ao Aurélio<sup>2</sup> que estive com o nosso General Pêgo Junior,<sup>3</sup> que o está auxiliando no grande trabalho da Cruz dos Militares, e diz à Julinha para ela não ficar nervosa com tantas atividades na Igreja. Isso é preciso por enquanto.

Adeus para vocês! Que a piedosa mãe de Jesus os abençoe,

*Júlia*

Notas da organizadora: <sup>2</sup> refere-se ao vovô Aurélio, marido de Júlia, filha da comunicante, Júlia Amália da Silva Pêgo. <sup>3</sup> O Marechal Antonio José Maria Pêgo Junior, marido da comunicante, nasceu em 2 de julho de 1841, em Santos | SP. Desencarnou em 7 de julho de 1907, no Rio de Janeiro | RJ. O casal teve três filhas: Júlia, minha avó, Esther e Maria. O Marechal participou da Guerra do Paraguai e do Cerco da Lapa, no Paraná. Conhecido desde sempre pela bravura e lealdade incontestáveis nos serviços prestados à pátria como oficial do Exército, foi acusado injustamente por crime de deserção, em 1893, durante o histórico Cerco da Lapa, no Estado do Paraná, à época da transição do regime monárquico para o republicano. Após passar por dois processos condenatórios, esteve preso, incomunicável, por 9 meses, vindo a ser absolvido pelo Supremo Tribunal Militar, que, revendo os autos e a insustentabilidade das acusações, reformou a iníqua sentença, restituindo-lhe a liberdade e livrando-o da pena de morte. Segundo o Coronel Cordolino de Azevedo, em seu livro *O Marechal Pêgo Junior e a invasão do Paraná*, "(...) Pêgo tinha a coragem moral de se dizer monarquista. Seria ele, portanto, o responsável pelos desastres de todos. (...)". A lisura e a honra imaculada do Marechal Pêgo Junior foram, portanto, restauradas para a história nacional, tendo sido ele, mais tarde, o 34º provedor da Irmandade da Santa Cruz dos Militares, instituição benemerita para a qual dedicou muitos anos de sua vida. Pêgo Junior era outro modo como o Marechal Antonio José Maria Pêgo Junior assinava seu nome. Algumas mensagens recebidas por Chico Xavier também são assinadas por ele como *Antoninho* ou tão-somente *Pêgo*. Sobre o assunto, sugerimos a leitura de *Militares no Além* (VINHA DE LUZ, 2008), psicografia de Chico Xavier, por espíritos diversos, de minha organização. Mensagem recebida por Chico Xavier e Rômulo, com a utilização da prancheta. Maria Joviano fez as anotações.

## *Meu algoz é minha própria consciência*

Sou eu, meus amigos, quem se valerá nesta minha amargura sempre!... Ele... a seguir-me com seus grandes olhos!... Que força é esta que nos acompanha depois da própria sepultura? Vossos pensamentos me atraíram e sinto algum alívio confessando as minhas faltas... Fui eu o verdadeiro criminoso... salpicando com o lodo da calúnia o nome de um homem honesto e justo. Pago caro a ambição da vida terrestre...

**Meu algoz é minha própria consciência.** Debalde, procuro obscurecê-la. Debalde, tapo os ouvidos para não lhe ouvir os gritos reiterados: "Caim, Caim, o que fizeste de teu irmão?"<sup>1</sup> Debalde,

<sup>1</sup> Nota da editora: Gênesis, 4: 9.